

O TERRITÓRIO DA MONTANHA:

INTERPRETAÇÕES SOBRE “A MONTANHA MÁGICA”

Melissa Salinas Ruiz

Mestranda do PPG-Sociedade, Cultura e Fronteiras da Unioeste/Foz do Iguaçu

Josiele Kaminski Corso Ozelame

Professora Doutora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO

O enfoque da Geografia Humanística considera que novas possibilidades para os estudos geográficos são obtidas quando estes recorrem à Literatura. Em decorrência, a presente proposta acredita que a análise de “*A montanha mágica*”, de Thomas Mann, desvela relevantes perspectivas sobre a relação homem/ambiente na cidade de Davos, Suíça, nas décadas de vinte e trinta. Em adição, propõe que o sanatório Berghof, conforme descrito na obra, seria um território, tecendo considerações sobre a vivência no sanatório ficcional que diriam respeito também à maneira que se percebe os sanatórios e clínicas no universo fático. Ditas análises se realizam visando a compreensão da importância da presença de sanatórios para a cidade de Davos, conseqüentemente auxiliando no entendimento da influência que as falências destes trazem para a região. Assim sendo, possibilita novas maneiras de compreender como o indivíduo se relaciona e é influenciado por hospitais e sanatórios. Para tanto, o artigo disserta sobre o histórico do uso da Literatura dentro da Geografia, em seguida, apresenta o autor e a obra literária com a qual trabalhará e, finalmente, expõe as considerações e resultados obtidos. Se utiliza o método de pesquisa bibliográfica, recorrendo a conceitos de Yi Fu Tuan, Marc Brousseau e demais teóricos que consideram relevante o

estudo da subjetividade humana e de suas produções culturais para melhor entender a experiência geográfica.

Palavras-chaves: Geografia Humanística; Literatura; Território.

ABSTRACT

The focus of Humanistic Geography considers that new possibilities for geographic studies are obtained through Literature. As a result, the current study believes that an analysis of “The magic mountain”, by Thomas Mann, reveals relevante perspectives about man/ambient in Davos, Switzerland, in the twenties and thirties. In addition, suggest that Berghof sanatory, as it was described on the novel, would be a territory, relating the experience of living on the ficcional sanatory to the way hospitals and similars are experienced in real life. The analysis aims the comprehension of the importance sanatorys have to Davos city, thus leading to the acknowledgement of the real impact of they failure to the region. Therefore, allow new ways of understanding how the individual relates and it’s influenced by hospitals and sanatories. To acomplished these, this article will provide an historical retrospective about Geography and Literature relation, then introduce the author and the literary work that will analyze, to finally expose results and considerations. The method used consists on bibliographic research, using concepts by Yi Fu Tuan, Marc Brousseau, and other theorics that consider relevant the study of human subjectivity and culture to better understand geographical experience.

Keywords: Humanistic Geography; Literature; Territory.

INTRODUÇÃO

A abordagem dos estudos geográficos, desde sua consolidação como disciplina científica, trabalhou com diversos enfoques referentes à relação homem/meio. Da perspectiva alemã, estritamente focada no determinismo da natureza, surgem demais correntes do pensamento geográfico, que evidenciaram a complexidade das relações estudadas pela Geografia. Dentre estas, a abordagem Humanística – ou Cultural – da Geografia orienta este trabalho, pela relevância que atribui ao estudo dos fenômenos sociais e culturais neste campo.

Na concepção contemporânea, a Geografia Humanística é o ramo que dá ênfase à subjetividade do indivíduo em sua relação com o ambiente, valendo-se das produções artísticas e culturais, pois considera que noções, como lugar e território, ligam-se intrinsecamente ao modo de percepção simbólica dos homens. Sendo a Literatura exercício pleno da subjetividade, a Geografia Humanística admite as contribuições que as obras literárias propiciam, conduzindo à construção de um saber geográfico mais holístico.

Assim sendo, o presente artigo se propõe a analisar a obra literária “A montanha mágica”, de Thomas Mann, a partir de duas concepções geográficas sobre o texto literário: de que este relata experiências vivenciadas pelo autor em relação ao meio e, em adição, de que a obra literária, a partir das ações das personagens, pode conduzir a uma reflexão diferenciada sobre como a sociedade percebe o ambiente. Portanto, buscará examinar se o sanatório Berghof, de acordo a como é descrito na obra, seria considerado um território, na acepção que a Geografia Humanística faz deste como local de fronteiras não delimitadas, mas onde o poder é exercido pelos seus agentes, que se identificam como singulares em relação aos demais.

Para tanto, utilizará o método de pesquisa bibliográfica, com ênfase nas considerações de Yi Fu Tuan e demais geógrafos que admitem a possibilidade de compreender as experiências humanas recorrendo à Literatura.

GEOGRAFIA E LITERATURA

A possibilidade de considerar uma obra literária ao empreender estudos de cunho geográfico requer que se disserte a respeito de como surgiu a abordagem geográfica que é a Geografia Humanística, identificando os primeiros momentos em que a Geografia direcionou seu enfoque ao homem, ultrapassando a percepção de que este reduz-se a ser “produto” do ambiente e, conseqüentemente, admitindo o uso da Literatura pelos geógrafos.

Menciona Brosseau (1994) que podem ser encontradas as primeiras alusões à Literatura dentro de textos geográficos em escritos oriundos dos primeiros anos do século XX. Autores como Herbertson e Keating, em 1902, teriam se interessado na poesia, dentre outros gêneros de ficção, como meio de estudar lugares. No entanto, essas menções iniciais à Literatura dentro da Geografia situavam-se na sua abordagem histórica, pois considerava-se a impossibilidade de um estudo geográfico relevante que tivesse uma obra literária como fonte.

Na França, a despeito de vislumbrar-se a mesma descrença, existia no país, desde a década de vinte, a *‘géographie littéraire’*, a qual se utilizava da Geografia na análise das obras literárias. É na década de 70, porém, que se dá o fortalecimento da crença na Literatura como ferramenta do estudo geográfico, como explicitam Almeida e Rocha:

A transformação na forma de analisar os fatos culturais a partir da década de 1970, ocorre devido à constatação de que a organização social dos grupos humanos, sua vida, seu dia-a-dia, não são reflexos puramente materiais, mas expressam também sua dimensão psicológica, suas crenças, suas atividades mentais, enfim, a forma como percebem o mundo de sua vivência e de sua experiência (ALMEIDA e ROCHA, 2005, p. 6).

No mesmo sentido, Brosseau (1994), ao expôr que na década de setenta a Geografia Humanista buscou frisar a relevância de estudos referentes ao homem e sua subjetividade, a diferença das abordagens geográficas que se limitavam às leituras de dados.

O autor ainda enfatiza que o surgimento do estruturalismo e a revitalização das demais ciências sociais contribuiu para reorientar o pensamento geográfico e aproximá-lo das questões relativas às dinâmicas sociais e às questões sobre o indivíduo. O homem, outrora descrito como estritamente subordinado à natureza, passa a ser considerado como capaz de atuar sobre o meio, além de experimentá-lo de maneiras que não podiam ser compreendidas meramente recorrendo a análises quantitativas (BROSSEAU, 1994).

Em decorrência, a Literatura passa a ser considerada como uma maneira de melhor compreender a forma em que o indivíduo vivencia a natureza. O uso da obra literária foi associado à possibilidade de, por meio desta, acessar o âmbito mais subjetivo do indivíduo, assim auferindo noções sobre como este se relaciona com lugares ou paisagens (BROSSEAU, 1994).

Indo ao encontro da nova abordagem geográfica que ia se formando, de Carl O. Sauer, da Escola de Berkeley, autor fundamental para consolidar a Geografia Humanística como uma abordagem válida e relevante para os estudiosos da área. Corrobora a isto Sasaki:

A publicação de *The morphology of landscape* por Carl Sauer, em 1925, marcou o início de uma postura diferenciada no tratamento do espaço geográfico, porquanto a fenomenologia foi inserida na discussão geográfica com o intuito de traduzir os significados em busca da percepção e da visão cultural do conceito de paisagem (SASAKI, 2010, p. 115).

A relação da Geografia com a Fenomenologia também é mencionada por Almeida e Olanda (2008) quando explicam que a Geografia Cultural “estruturou-se aderindo e incorporando em si elementos da Fenomenologia e da Hermenêutica”. Assim sendo, o trabalho de Carl Sauer fez-se fundamental, pois imprimiu no enfoque humanístico da Geografia a importância da reflexão sobre a percepção que a consciência do indivíduo fazia da paisagem.

Reconhecida a importância do novo enfoque proposto pela Geografia Humanística Cultural e, conseqüentemente, a possibilidade de utilizar-se da Literatura em suas análises, faz-se útil examinar as diversas maneiras em que a Geografia abordou o texto literário.

Nesse sentido, inicialmente geógrafos recorriam à obra literária quando empreendiam estudos sobre regiões, buscando estabelecer um “panorama geral” dessas. Ainda havia a ressalva quanto à possibilidade de auferir um conhecimento geográfico realmente relevante advindo de tais fontes. Entretanto, maior importância foi adquirindo o texto literário quando os geógrafos o analisavam como um fruto da percepção do autor sobre o lugar. Portanto, previamente, o geógrafo empreendia pesquisa a fim de saber se o autor, de fato, havia entrado em contato com o ambiente que descrevia no livro. Se ocorresse a afirmativa, o valor documental o livro era evidente. Porém, se houvesse a negativa, ainda era possível verificar a “veracidade” da obra através da comparação desta com demais escritos literários que retratassem o mesmo lugar (BROSSEAU, 1994).

Referido uso da Literatura não propiciava uma abordagem diferenciada ou novas perspectivas ao geógrafo, mas limitava-se a corroborar ideias pré-concebidas deste. As peculiaridades literárias como maneira de melhor compreender a subjetividade, renegadas nos enfoques geográficos regionais, seriam evidenciadas no processo de transição da noção de “espaço” para “lugar”, o qual visava abandonar a noção de que a experiência humana consistia exclusivamente da vivência racional.

O texto literário era considerado como meio de estabelecer contato com uma perspectiva “em concreto” do lugar, o qual também se situava como problemático. Ambas incursões dos geógrafos no uso da Literatura demonstravam relutância em compreendê-la como disciplina teórica com especificidades, sendo a mais importante destas o fato do texto literário não sujeitar-se a ser mera reprodução do real. O texto literário possibilita uma leitura simultânea do real e do ficcional, a qual se perderia numa interpretação que ignorasse a literariedade do texto (PERRONE-MOISÉS, 1990).

Em adição, referidade literariedade proporciona maior riqueza na construção das problemáticas que integram a realidade, desvelando-lhes matizes que não se perceberiam na mera descrição literal. Vide os dizeres de Cândido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e

combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 175).

Nesse sentido, a Literatura afirma-se como relevante e capaz de contribuir à Geografia não quando é estudada como retrato fidedigno do autor ou do lugar em que se situa a obra, mas quando é entendida como mediadora entre a realidade e a percepção desta, ou seja, quando é compreendida em seu caráter representativo. Sua riqueza, portanto, está no fato do olhar literário ser um enfoque distinto do usualmente adotado pelas ciências materiais, sendo portanto capaz de realçar aspectos que, caso contrário, não teriam se evidenciado (BROSSEAU, 1994).

A isto corrobora Marandola Júnior:

Por outro lado, tanto estudos culturais quanto humanistas podem beneficiar-se das representações literárias, tão repletas de valores, sentidos, significados, historicidade e geograficidade. Não apenas como fonte documental, mas também como a possibilidade de re-criação de mundos e de abertura de leituras possíveis da realidade, a Literatura, assim como outras manifestações artísticas (entre elas, destacando-se o cinema) têm amplas possibilidades imagéticas em nossa sociedade atual, não apenas representando visões de mundo, mas também criando e transformando as já existentes. Para os estudos geográficos, acompanhar estas transformações não é apenas desejável, mas sobretudo necessário para compreender o mundo e os espaços atuais (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p. 76).

Ainda quanto a necessidade de considerar as peculiaridades literárias numa abordagem geográfica da Literatura, Brosseau (1994) cita Porteous e seu estudo dos aspectos simbólicos presentes no texto literário por ele utilizado, a fim de perceber aspectos positivos ou negativos em relação a experiência de lugar.

Entretanto, embora nos estudos literários haja reticência a adotar a perspectiva do autor na análise da obra literária, esta abordagem pode propiciar estudos relevantes na Geografia Humanística (BROSSEAU, 1994).

Perceber que a obra literária pode oferecer uma representação do que o autor auferiu do real, nas situações em que foi estabelecido contato entre este e o ambiente narrado, não significa, portanto, a assunção de que o texto narra pura e simplesmente as perspectivas do autor. Urge a compreensão da própria limitação da linguagem, além dos aspectos lúdicos e plurissignificantes do texto literário, para poder obter, por meio deste tipo de leitura da obra literária, considerações novas e para a Geografia Humanística.

Sobre isto, relevante mencionar os dizeres de Lima:

Encontramos muitos escritores que através de suas narrativas, nos legaram páginas que constituem verdadeiros documentos histórico-geográficos dos tempos e espaços em que viveram. Estes relatos, em sua maioria trouxeram ao nosso conhecimento, ou do ponto de vista científico ou empírico, contribuições imensas e perspectivas novas de análises. Ao escreverem sobre os aspectos do mundo por eles vividos, deixaram como heranças, perspicazes registros das diferentes realidades percebidas nos vários momentos, tanto nos aspectos subjetivos como nos objetivos, isto é, nos concernentes às realidades interior e exterior (LIMA, 2000, p. 29).

A realidade é composta da multiplicidade, de perspectivas singulares, o qual dificilmente é percebido por estudos que se limitem à análise de dados. Se requer novos meios de responder aos questionamentos complexos da atualidade. Nesse sentido, Yi Fu Tuan ressalta o papel da Literatura como possibilidade de acessar a pluralidade de relações possíveis entre o homem e o meio:

A articulação firme e precisa das atitudes ambientais requer notáveis habilidades verbais. A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. A novela realista não retrata com tanta precisão a cultura (que a ciência social também procura fazer) como salienta as particularidades das pessoas nessa cultura. A opinião única foge da matriz sociológica. Para interpretá-la, o novelista sugere fatores que, em si mesmos, são pouco conhecidos: dom congênito (temperamento) de um lado e acidentes da vida (acaso) de outro. Os escritores criam personalidades fictícias; eles mesmos são personalidades com opiniões que sobressaem acima do discurso livresco de suas sociedades. As pessoas têm atitudes características para com a vida: a afirmação é pedestre e a aceitamos facilmente. Os escritores, no entanto,

têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. De seus escritos aprendemos a reconhecer a singularidade das pessoas (TUAN, 1980, p. 56-57).

Mencionou-se, até então, a trajetória científica e social que conduziu à admissão de contribuições literárias nos estudos geográficos, além dos motivos que tornam esta interdisciplinaridade não somente possível, mas desejável. Entretanto, frisou-se que a Literatura, quando utilizada pelos geógrafos, melhor contribuirá ao desenvolvimento dos estudos geográficos se compreendida em sua especificidade como disciplina.

Prosseguir-se-á a evidenciar como se realizará a interconexão entre Literatura e Geografia na presente proposta, para logo apresentar o autor e a obra literária a qual será estudada.

THOMAS MANN, A MONTANHA MÁGICA E DAVOS

A relação entre Geografia e Literatura faz-se apta a auxiliar na compreensão dos aspectos que, a partir do enfoque mais humano na Geografia, passaram a constituir objeto de estudo desta. Definindo a Geografia Cultural como subcampo da Geografia Humanística, Almeida e Olanda (2008) frisam a ampla gama de aspectos que a nova concepção de Geografia possibilitou o estudo:

Essa nova Geografia Cultural estruturou-se aderindo e incorporando em si elementos da Fenomenologia e da Hermenêutica. Elegeu cultura, lugar, territorialidade identitária, paisagem, representação e significado como categorias importantes que lhe dão reconhecimento e particularidade próprias. A vida humana é cara para a investigação da Geografia Cultural, haja vista a vida ser uma experiência espacial que necessita ser interpretada (ALMEIDA E OLANDA, 2008, p.20-21).

Dentre estes, destaca-se a importância da questão do território na Geografia. Considerando a Geografia Humanística que há território quando existem aspectos culturais e sociais comuns a um grupo, o qual lhes faz atribuir-se uma identidade afim (ALMEIDA E

ROCHA, 2005), a Literatura poderia auxiliar na compreensão da pluralidade territorial e como esta se vivencia.

Diante das novas possibilidades de pesquisa propiciadas pela abordagem da Geografia Humanística, a obra literária situa-se como apta à resolução de impasses gerados pelo novo enfoque geográfico, bem como suscitar novos questionamentos, renovando a produção científica e constituindo novos enfoques de pesquisa e compreensão da experiência geográfica.

Dessa maneira, a presente proposta adotará o enfoque que considera existir na obra literária aspectos que condizem à experiência do autor em relação ao lugar sobre o qual disserta, propondo assim elementos de reflexão relevantes sobre o momento histórico e social que vivenciou.

Ademais, ao discorrer sobre os aspectos de território dispostos no sanatório Berghof - presente na obra "*A montanha mágica*" - se considerará a relevância de observar o mundo *dentro da obra* como meio de melhor compreender a relação entre identidade e território existente no universo fático.

Nascido em 1875, na cidade de Lübeck, na Alemanha, Thomas Mann, autor de "*A montanha mágica*", usualmente é considerado um dos mais expressivos romancistas da literatura alemã. Publicou seu primeiro romance, intitulado "*Os Buddenbroks*" em 1898, o qual deu início a uma expressiva produção literária, a qual recebeu o prêmio Nobel no ano 1929. Sobre sua obra, o crítico Otto Maria Carpeaux (2013) menciona que alguns de seus personagens seguem o *Bildungsroman*, gênero muito recorrente na Alemanha, ao qual pode referir-se como *romance de formação*. Consistindo este gênero da descrição de todo o processo que abrange a construção e transformação da identidade um indivíduo, desde sua juventude, poder-se-ia dizer que em "*A montanha mágica*" fazem-se presentes traços do *Bildungsroman*. Assim se afirma, pois, dentre os inúmeros enfoques trazidos pela obra, as mudanças sofridas pelo personagem principal, desde o instante em que chega à *montanha*, são abordadas com ênfase durante toda a narrativa.

Publicado em 1924, o livro "*A montanha mágica*" é recebido pela crítica como a obra de maior relevância do autor e uma das mais importantes do século XX. Em razão

disto, considera-se relevante examiná-la na presente proposta teórica, haja vista a transcendência das obras literárias canônicas, as quais as tornam capazes de produzir significações relevantes a leitores contemporâneos (CALVINO, 2007) . Acredita-se que o enfoque apresentado por este artigo poderá propiciar contribuições a nível dos estudos geográficos mas, também, literários, pois vai além da recorrente interpretação de “*A montanha mágica*” como um retrato da civilização europeia do pré-guerra.

Pode-se identificar o jovem Hans Castorp, de 22 anos, estudante de Engenharia, como o personagem principal de “*A montanha mágica*”. Narrada por um narrador onisciente e que não hesita em posicionar-se frente aos fatos que descreve, o romance inicia-se com a chegada de Hans Castorp à cidade de Davos, onde pretende permanecer por três semanas. Tendo um primo militar, Joachim Ziemssen, internado no sanatório de Davos – o Berghof – este recebe o jovem Castorp e vai ensinando-lhe as peculiaridades e hábitos dos locais.

Transcorridos os dias, Hans Castorp passa a conhecer e se integrar à rotina do sanatório. Localizada a cidade de Davos a uma altitude de mil e seiscentos metros, o Berghof é referido por Ziemssen como “lá em cima”, pois encontra-se numa altitude ainda maior.

- Como vê, o nosso sanatório está situado ainda mais alto que a aldeia – continuou Joachim, - Cinquenta metros. O prospecto diz “cem”, mas são apenas cinqüenta. O sanatório que fica mais alto é o Schatzalp, lá do outro lado. Não se vê daqui. No inverno, eles têm de transportar os cadáveres em trenós, porque os caminhos se tornam impraticáveis (MANN, 1980, p. 18).

A permanência de Hans Castorp vai, paulatinamente, se estendendo além das três semanas previamente estabelecidas. Cada vez mais integrado à vida *lá em cima* – identificação recorrente entre os habitantes do Berghof, prontamente adotada por Castorp – o personagem passa a adotar os costumes distintos que lá se praticam, e que envolvem não só horários rígidos para acordar, se alimentar ou para a recreação: abrangem uma maneira diferenciada de perceber a vida e, sobretudo, a morte.

Presença constante na vida de Hans Castorp desde tenra idade, graças ao falecimento dos pais e do avô, a proximidade da morte existente no Berghof faz-se mais do que familiar ao jovem. Torna-se um refúgio, um meio de experimentar a liberdade. *A montanha* alimenta vícios, os acolhe, funde a enfermidade do corpo à enfermidade da alma. A civilização *de baixo* faz-se tão diferente que, a despeito da cura *do corpo*, os habitantes do Berghof estarão fadados a retornar à montanha.

O período de três semanas estende-se por sete anos. Porém, se o corpo físico de Hans abandona o Berghof, seu ser, sua identidade para sempre permaneceram ligados à *montanha*. É uma circunstância anômala, anti-natural, o advir da 1ª Guerra Mundial, que leva o jovem a abandonar o refúgio do Berghof. Hans Castorp alista-se no exército, atitude que em muito revela a distinção entre o homem que entrou e o que saiu do sanatório.

O desfecho de sua trajetória, embora não explicitado, pode ser intuído pelo leitor. A morte no campo de batalha é o ápice da impossibilidade de entrosamento à sociedade fora do Berghof. Não apenas Hans, mas muitos dos residentes do sanatório, enfim retornam aos seus lares com o advir da Guerra. Apenas uma realidade abjeta, fúnebre, de um conflito motivado pelo egoísmo de uma nação, pôde atraí-los. Nesse momento, não somente o Berghof fazia-se berço da desmoralização: toda a Europa encontrava-se envolta nessa aura.

O contato com a cidade de Davos e seus sanatórios também foram vivenciados por Thomas Mann. Sua esposa, no ano de 1912, encontrou-se internada num sanatório em Davos (LEYBOLD-JOHNSON, 2005). Indo visitá-la e lendo as cartas que esta lhe enviava, Mann pode experimentar o ser de cima, situação a qual culminou na escrita de “A montanha mágica”.

Além dos aspectos geográficos da cidade de Davos, outro relevante tema da Geografia Humanística pode ser estudado a partir de “A montanha mágica”. O aspecto de território que assume o sanatório Berghof, conforme descrito na obra faz-se digno de exame, pois auxilia na compreensão de como configuram-se dinâmicas de poder e criam-se laços identitários nas mais diversas situações.

Acudir a um sanatório consistiria, usualmente, em situação transitória. Porém, o rico retrato apresentado em “A montanha mágica” possibilita a reflexão sobre a pluralidade

da experiência vivenciada em sanatórios e clínicas, que pode chegar a tal grau de intensidade a ponto de tornar-se traço determinante da identidade do doente. Ou, conforme o livro aponta, é possível que a enfermidade do corpo seja menos intensa do que a identificação social e emocional do sujeito com a condição de doente.

“A MONTANHA” PARA THOMAS MANN E “O TERRITÓRIO” DO BERGHOF

As vivências pessoais do autor, conforme afirma Jouve (2012) são relevantes na produção literária. Dessa maneira, as inúmeras descrições da paisagem e do lugar de Davos, na Suíça, podem ser lidas como a experiência de Thomas Mann nesse local, mediada pela linguagem e pelo impulso criativo que o autor exprime na obra.

O personagem Hans Castorp é descrito, no decorrer da obra, como medíocre, mediano, características as quais orientam sua percepção do lugar e sua relação com os demais personagens. Entretanto, suas digressões sobre os vales, as montanhas, inclusive o ar, podem ser lidas como indícios de reflexões suscitadas no próprio Mann, quando este travou conhecimento das peculiaridades geográficas de Davos.

Note-se a passagem, onde se afirma:

E cheio de curiosidade, Hans Castorp aspirou profundamente aquele ar estranho, como que para prová-lo. Era fresco, e nada mais. Carecia de aroma, de sabor, de umidade. Tragava-se facilmente e nada dizia à alma (MANN, 1980, p. 17).

Atribuir características ao ar, em especial na sociedade contemporânea, não se faz raro. O ar é poluído, contaminado, entre tantos adjetivos que expressam a importância que, na contemporaneidade, se atribui à conservação do ambiente. Perceber o ar de maneira simbólica, onde se lhe destaca o vazio, a ausência e se lhe relaciona de maneira sinestésica – afinal, se buscou gosto ao ar – são maneiras peculiares de dissertar sobre elementos do ambiente. Mesmo que Mann, em sua estadia em Davos, não tenha, de fato, experimentado o ar como vazio, trouxe por meio de seu personagem a reflexão sobre a possibilidade de ver

no ambiente signos, aspectos que não se limitam a fruição, mas despertam no homem a leitura simbólica.

No mesmo sentido, este fragmento da obra de Mann:

Um estremecimento acompanhava o instante da transição, mas depois não podia haver sono mais puro do que esse em meio ao frio glacial, sono sem sonhos, não afetado por nenhuma reminiscência do peso da vida orgânica, uma vez que a respiração do ar rarefeito, inconsistente e inodoro, não era mais difícil para o corpo vivo do que a não respiração para o morto (MANN, 1980, p. 524).

Também Yi Fu Tuan (1980) disserta sobre como vínculos subjetivos alteram a percepção do ambiente, quando se refere ao ocorrido com o ar das montanhas. O autor expõe a influência de John Hackb Scheuchzner, turista alpino, na maneira de experimentar a geografia das montanhas. A medida em que melhor conhecia o clima de montanha, Scheuchzner passou a considerá-lo em suas propriedades terapêuticas, em conseguinte elaborando teoria na qual atribuía ao clima montanhoso propriedades curativas. Esta percepção conduziu à desconstrução da simbologia das montanhas como temerosas ou inóspitas, permitindo uma leitura simbólica que perdura na atualidade.

Outro aspecto relevante propiciado pela obra é a possibilidade de percepções diferenciadas, mesmo em ambientes que, de acordo a Yi Fu Tuan (1980) sempre suscitaram a reverência e o deslumbramento nos homens. Ao chegar a Davos, relata Hans a seu primo:

- Não! Para falar com franqueza, não acho a paisagem assim tão formidável – disse Hans Castorp – Onde estão as geleiras, os picos brancos e as cordilheiras gigantescas? Não me parece que essas montanhas aí sejam muito altas (MANN, 1980, p. 17).

Residente de Hamburgo, cidade localizada à planície alemã, usual seria a crença de que a altitude de mil e seiscentos metros acima do nível do mar suscitasse em Hans sentimentos relacionados à admiração diante da grandiosidade da paisagem. Entretanto, isto não ocorre. Possivelmente, graças à mediocridade de sua maneira de ser, a paisagem não imprime grandes marcas no espírito do personagem. Novamente, embora não possa

afirmar-se que Thomas Mann acolheu com a mesma indiferença a visão dos picos e montanhas em Davos, leva por meio de Hans a considerações referentes a até que ponto a experiência da paisagem é influenciada pelo ânimo, pela subjetividade do indivíduo.

Mesmo configurações geográficas de extrema peculiaridade, como as das montanhas, são vivenciadas de maneira singular por cada ente social. No relato ficcional, tal singularidade da percepção faz-se explícita, dessa forma ressaltando a importância da Geografia acudir as expressões artísticas e culturais para melhor compreender as peculiaridades dos sujeitos.

Destinos naturais tidos como de grande beleza, poderiam não suscitar deslumbramento a alguns indivíduos? Numa analogia com o expresso em “A montanha mágica”, a resposta seria afirmativa. Que elementos conduziriam a uma percepção tão diferenciada do que usualmente é tido como belo? Cabendo à Geografia Humanística o estudo das diferentes formas de vivenciar o ambiente, acredita-se que são relevantes considerações referentes à perspectiva proposta.

Corroborar a isto a afirmação de Almeida e Olanda:

Por conta da sua abordagem, os atributos sócio-espaciais como os laços, a agradabilidade, a afetividade, o sentimento de pertencimento e os símbolos espaciais oriundos da relação do homem com o meio, para a Geografia Cultural, todos são elementos para o pesquisador investigar e apreender o mundo vivido. Experiência vivida que se desenvolve num local, numa cultura e ambiente natural específicos (ALMEIDA e OLANDA, 2008, p. 21).

Muito populares como destino de pacientes com afecções pulmonares (TUAN, 1980) considerava-se que as regiões montanhosas da Europa, tal qual Davos, dispunham das condições climáticas propícias à restituição do vigor.

Acudindo à Suíça para reestabelecer a saúde da esposa, Mann critica por meio de “A montanha mágica”, o caráter mercantil que orientava a relação entre o meio e aqueles que acudiam aos sanatórios das montanhas.

Observe-se este trecho da obra:

Cinco vezes por dia manifestava-se em torno das sete mesas o descontentamento unânime com o tempo que o inverno ia oferecendo esse ano. Julgavam que ele não se desempenhava senão insuficientemente dos deveres de um inverno alpino, que estava longe de proporcionar os recursos meteorológicos aos quais a região devia sua fama, na medida garantida pelo prospecto e na intensidade a que os veteranos estavam acostumados, e que os novatos haviam imaginado encontrar (MANN, 1980, p. 520).

O comércio de luz solar é algo que soa absurdo, mas que faz-se mais próximo da experiência cotidiana do que em princípio pareceria. Estações de veraneio, resorts, entre outros atrativos turísticos negociam não apenas infra-estrutura e serviços, mas a possibilidade de fruição das condições naturais. Em inúmeros momentos, Thomas Mann frisa a semelhança do sanatório em Davos com a futilidade que se esperaria dos hóspedes de um resort da moda:

Também a direção geral demonstrou estar plenamente inteirada da sua obrigação de remediar a falta e de indenizar os pensionistas. Foi adquirido um novo aparelho de 'sol artificial', porque os dois que o sanatório já possuía não bastavam para corresponder às necessidades dos pensionistas desejosos de bronzear a pele pelos raios ultravioleta, o que favorecia muito as garotas e as mulheres moças e dava ao mundo masculino, apesar da sua vida horizontal, a aparência de magníficos desportistas e conquistadores (MANN, 1980, p. 520).

Por meio de sua narrativa ficcional, Mann aparenta demonstrar descrença em relação à possibilidade de se obter a cura nos sanatórios em Davos, a despeito das condições ambientais favoráveis. Mesmo permeado de descrições da natureza local, o relato do autor busca ressaltar, a todo momento, o luxo e os excessos vivenciados no sanatório Berghof.

Embora inexistisse tratamento medicamentoso apto a curar a tuberculose, na década de vinte, o qual justificava a existência dos sanatórios, a obra literária apresenta uma percepção distinta – e muito mais materialista – das relações entre homem e meio experimentadas nos sanatórios suíços, que vai de acordo à menção de Tuan (1980) de que “para os ricos, a Suíça era uma casa de repouso e um campo de esporte.”

A crise existente na cidade de Davos, na atualidade, onde a falência dos sanatórios acarreta uma alta taxa de desemprego para a cidade de 13 mil habitantes (LEYBOLD-JOHNSON, 2005) expõe como, mesmo no século anterior, a Literatura foi apta a perceber e criticar a realidade social.

O livro “A montanha mágica”, porém, pode revelar aspectos de suma relevância não apenas no que tange às relações específicas com o ambiente de Davos. Considerando que a narrativa ficcional reflete e, simultaneamente, ultrapassa a percepção do autor, no relato de Mann pode se presenciar a poderosa influência que um sanatório ou clínica exerce sobre o paciente, mesmo que seu autor jamais tenha se encontrado internado. De fato, o presente trabalho considera que é possível afirmar que os sanatórios e clínica são “territórios”, pois condizentes à concepção de território, prática pela Geografia Humanística.

Almeida e Rocha (2005) explicam o conceito de território, dentro da Geografia Humanística, relacionando-o intensamente com a subjetividade humana. Num território, portanto, se possuiria crenças, interesses e hábitos diferenciados dos demais. E, sobretudo, haveria a sensação de pertencimento, que possibilita ao indivíduo identificar-se com o resto do grupo, em oposição ao restante da sociedade.

O sanatório Berghof, retratado em “A montanha mágica”, se localizaria na cidade de Davos, graças à mencionada crença nas propriedades terapêuticas do ar das montanhas. Entretanto, não é o incremento na saúde do personagem Hans Castorp que motiva sua estadia de sete anos no sanatório, mas a identificação identitária que experimenta.

O primeiro contato entre Hans e a identidade do Berghof acontece na própria Davos-Platz, estação na qual chega e encontra o primo Joachim Ziemssen. Sem ao menos dar conta disto, o jovem militar faz uso recorrente da expressão de cima, o qual muito intriga o outro:

- Você tem um jeito tão esquisito de falar! – disse Hans Castorp.
- Esquisito? – perguntou Joachim com certa apreensão, voltando-se para o primo.
- Não, não! Desculpe! Tive essa impressão só por um momento – apressou-se Hans Castorp a dizer. Ele se referirá à expressão “Nós, aqui em cima”, que Joachim já empregara umas quatro ou cinco vezes, e que

de certa forma lhe impressão deprimente e chocante (MANN, 1980, p.17-18).

Além da atribuição identitária como de cima, que perdura por toda a narrativa, outros aspectos do cotidiano do Berghof são de extrema peculiaridade. As refeições, por exemplo, são fartas, “nada menos que seis pratos” (MANN, 1980, p.), acontecendo sempre em horários fixos. Nelas, os pacientes se esbaldam, ingerindo uma quantidade de alimento muito além da que necessitariam. Também são estritamente cronometradas as terapias de repouso, onde os pacientes devem, forçosamente, permanecer imóveis, envoltos em cobertas e sentados em uma cadeira peculiar.

Resistente em princípio, paulatinamente Hans Castorp vai se adaptando, não só à rotina, mas à visão de mundo existente no sanatório. Sendo o texto literário dotado de significações múltiplas que são mediadas pela forma, pode se compreender a relação entre Castorp e o uso de chapéu como uma metáfora. Utilizar o chapéu representaria identificar-se com a realidade social alheia ao Berghof. Abandonar seu uso, o qual acaba ocorrendo, implicaria o processo final da transição vivida pelo personagem.

Ao receber seu parente, cônsul Tienappel, que vai ao Berghof com a intenção de fazê-lo retornar a Hamburgo, Hans Castorp “com a tez rubicunda, sem chapéu nem sobretudo, achava-se à beira da plataforma quando o trenzinho entrou na estação”(MANN, 1980, p.?).

Entretanto, este processo de vinculação identitária não é peculiar a Hans Castorp. Destaca-se, em “A montanha mágica”, a poderosa influência que o Berghof exerce sobre a índole, sujeitando aqueles que a este ingressam a enredar-se no emaranhado de peculiaridades deste território. Isto é demonstrado na referida visita do cônsul Tienappel, o qual se surpreende ante a maneira em que o ambiente do lugar o abala.

Chegara a Davos com uma missão precisa e concreta, com o encargo e na intenção de intervir com firmeza na situação do paciente pachorrento, de ‘arrancá-lo’, segundo ele mesmo dizia, e de devolvê-lo ao lar. E, todavia, não deixara de perceber que estava operando em terreno estranho. Desde o primeiro momento sentira-se acolhido por um mundo singular, um

ambiente moral cuja segurança de si próprio não era menos forte do que a sua, e até a ultrapassava (MANN, 1980, p. 482).

A estranheza sentida pelo cônsul é tamanha que sua partida dá-se abruptamente, sem se despedir de Hans, “como se precisasse aproveitar a resolução de um dado momento e tudo se tratasse de não perder a oportunidade”. Finalmente, “terminou a tentativa da terra plana de se reapossar do fugitivo Hans Castorp” (MANN, 1980, p.?).

De maneira semelhante, observe-se a passagem onde um visitante transfigura-se em paciente:

(...) há uns quinze dias, chegou o caçula, para ver o irmão pela última vez. Aliás, um belo tipo, tal qual o outro. (...) Bem, o caçula já tinha tossido um pouco, antes de vir para cá, mas fora disso parecia completamente bom. E mal chega aqui, imagine, tem um acesso de febre, e logo 39,5! Febre muito alta, sabe? Puseram-no na cama, e se ainda chegar a levantar-se, terá uma bruta sorte, disse o Behrens (MANN, 1980, p. 51).

Segundo Vincent Jouve (2012) fundamental na interpretação literária é considerar a voz da personagem que se expressa de maneira divergente às demais existentes dentro da obra. Na presente, relevante a menção a Ludovico Settembrini, italiano autodenominado “humanista”, figura de suma relevância dentro da narrativa. É por meio de suas digressões sobre a vida humana, a sociedade e o Berghof, e, sobretudo, aos constantes pedidos de que Castorp retorne a Hamburgo, que é desvelado ao leitor o processo de distanciamento do real que se dá nos moradores do Berghof.

É através duma fala de Sttembrini que se desvela um aspecto relevante da dinâmica social do Berghof. O personagem refere-se aos médicos do Berghof por Minos e Radamanto, assim frisando como, dentro do sanatório, as relações de poder orientam-se em torno da autoridade máxima do médico e diretor Behrens e do doutor Krokowski. Assim se afirma, pois cabe a estes a decisão sobre o tempo de permanência de cada paciente no Berghof. Tal qual as figuras míticas citadas pelo italiano.

O Berghof, por meio de suas refeições suntuosas, constantes repousos e prazeres clandestinos, exerce poderosa força alienante nos pacientes. Mais do que anestesiá-lo o corpo, anestesia o espírito de seus moradores, o qual torna-se evidente ante a banalidade com que lidam com a morte.

- 'Não faça tanta fita!' costuma dizer ele – respondeu Joachim. – Foi pelo menos o que disse recentemente numa ocasião dessas. Quem nos contou a história foi a enfermeira-chefe, que estava lá para segurar o agonizante. Era um daqueles que no leito de morte ainda fazem uma cena pavorosa e absolutamente não querem morrer. Então o Behrens ralhou com ele. 'Deixe de fazer tanta fita!' disse, e o paciente logo ficou quietinho e morreu com toda a calma (MANN, 1980, p. 67).

A menção à atitude do doutor Behrens demonstra a ausência de sensibilidade diante do sofrimento alheio da qual compartilham os demais pacientes. Em princípio, isto chocou tanto a Hans Castorp que o personagem passa a, ao lado de seu primo, realizar visitas a pacientes no leito de morte, encontrando nisto grande prazer. Note-se, porém, que a satisfação sentida pelo jovem Castorp muito possui da vaidade em sentir-se um benfeitor. Isto, em si, já seria um indicativo da predisposição deste para o egoísmo e alienação, características fundamentais do Berghof – o qual culminaria em sua identificação com os “de cima” e permanência no sanatório.

Adaptada a sua nova realidade, Hans Castorp permanece sete anos no território do Berghof. Além dos aspectos já mencionados, acentuada é a mudança na maneira em que o jovem percebe o mundo e, sobretudo, o tempo. Em toda a narrativa, vislumbram-se digressões do personagem sobre como a percepção do tempo vincula-se intimamente à disposição de espírito e aos hábitos perpetrados. Dessa maneira, a noção do transcurso temporal, fundamental à configuração das relações sociais da planície, subverte-se para os de cima. Sem perspectiva de mudança, passam a viver um entorpecido aqui e agora. Entorpecimento, entretanto, desejado por Hans Castorp, pois o liberta de sua vida que, desde o início, é narrada como medíocre.

A quebra do relógio de Hans faz-se metáfora a qual corrobora a reflexão apresentada:

(...) deixara de usar o relógio de algibeira. Este já não trabalhava. Certo dia caíra da mesinha de cabeceira e Hans Castorp não tratara de mandar consertá-lo, para que reassumisse aquela cadenciada marcha circular, pela mesma razão por que havia muito renunciara a recorrer à folhinha, quer arrancando diariamente a folha, quer se informando de antemão acerca de certos dias ou festas. Agia assim em prol da “liberdade”, em homenagem ao “passeio pela praia”, a esse “sempre” constante e imóvel, ao feitiço hermético para o qual o jovem arrebatado a essas alturas se mostrara predisposto e que fora a aventura fundamental do seu espírito, aquela em cujo curso se haviam desenrolado todas as aventuras alquímicas dessa singela matéria (MANN, 1980, p. 793).

Menciona-se, no final da obra, que Hans Castorp “era um paciente garantido, definitivo, que desde muito tempo cessara de saber para onde mais poderia ir” (MANN, 1980, p.?) No entanto, chega este a abandonar, ao menos fisicamente, o Berghof. Ao advir a Primeira Guerra Mundial, subverte-se a sociedade europeia, a planície. Há o caos, há o vício, e há uma percepção distinta do tempo. Diante disto, faz-se possível não apenas a Hans, mas a muitos residentes do Berghof retornar para o mundo que haviam abandonado. Assim procedem, pois este torna-se um local muito mais alienado e, portanto, muito mais semelhante à identidade que construíram no Berghof. Em suma, jamais abandonam, de fato, o território do Berghof.

Em razão do exposto, acredita-se que os aspectos ressaltados de “A montanha mágica” fazem-se aptos a afirmar de que o sanatório Berghof, conforme descrito na obra, seria visto como um território pela Geografia Humanística. A relevância disto para os estudos geográficos consistiria na possibilidade de uma melhor compreensão da maneira que pacientes de sanatórios, clínicas e hospitais vivenciam esses lugares.

Ao adentrar o sanatório, Hans Castorp acabou por alienar-se da sociedade a qual antes integrava. Seria possível um processo semelhante ocorrer com pacientes compelidos a longas estadias em centros de saúde? Ainda, haveria características sociais ou pessoais que compeliriam determinados pacientes a criar fortes vínculos identitários com sua situação de pacientes? Estes questionamentos, e inúmeros outros possíveis de serem suscitados pela

análise realizada, podem conduzir ao enriquecimento dos debates empreendidos pela Geografia Humanística.

O entendimento de como o homem experimenta o espaço – natural ou construído – conduz a Geografia Humanística a recorrer a fontes que possibilitem um novo olhar dos fenômenos que se propõe a estudar. Conclui-se, portanto, que o estudo de “A montanha mágica” – tanto no que se refere à possibilidade de melhor compreender as experiências de quem vivenciou a época áurea dos sanatórios de Davos, quanto no que tange à percepção do sanatório Berghof como território, a fim de realizar analogia que conduza a novos questionamentos sobre a vivência nos sanatórios e clínicas da atualidade – ressalta como a Geografia Humanística se beneficia do uso das obras literárias na obtenção de um saber mais holístico.

CONSIDERAÇÕES

Ler literatura não apenas como relato exclusivamente ficcional, mas como perspectiva do real mediada pela linguagem literária, foi um processo extenso para a Geografia. Entretanto, possibilitou discussões no enfoque da Geografia Humanística, notando que o ambiente é diversificado, assim como as pessoas, e que isto torna necessária a adoção de diferentes métodos e abordagens para melhor compreender como o homem interage com seu meio.

O decurso temporal, as emoções e as condições físicas influenciam a forma em que se vivencia o ambiente. Entender o grau e maneira em que se configura dita influência foi o intuito da presente proposta. Pela análise de “A montanha mágica”, são discutidos aspectos sobre a paisagem de Davos que se fazem relevantes, pois são expressão que, embora intermediada pelo discurso literário, pertence a alguém que esteve nessa região da Suíça.

O entendimento de como a sociedade experienciava o ambiente em Davos, no período retratado no livro, é apto à melhor apreensão dos fenômenos que ocorrem na cidade, na atualidade, onde, forçosamente, se fecharam muitos sanatórios. Sendo estes,

essenciais à economia, se altera a forma em que a sociedade se relaciona com o ambiente. Ler “A montanha mágica”, propicia compreender a magnitude desse fenômeno para Davos.

De forma diversa, ao estudar os elementos de “A montanha mágica”, os quais tornariam o sanatório Berghof um território, se pode aceder a novas perspectivas sobre a relação entre paciente e locais de cunho hospitalar. A noção do hospital como local de mera transitoriedade se subverte por meio da análise da obra. Haveria nos hospitais relações de poder, hábitos e crenças peculiares. Conduz “A montanha mágica” a refletir que haveria casos em que a identificação do indivíduo como paciente se ligaria mais à sensação de pertencer ao “território hospitalar” do que à dor do corpo.

Conclui-se que, na presente proposta, puderam gerar-se questionamentos e percepções válidas, que melhor conduzirão aos debates referentes à problemática da cidade de Davos, na Suíça, e, também, a uma compreensão diferenciada e ampliada da experiência de territórios hospitalares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de; OLANDA, Diva Aparecida Machado. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**. Florianópolis, v. 23, n.º. 46, p.7-32, jul/dez.2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de; ROCHA, Lurdes Bertol. **Cultura, mundo-vivido e território**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, Londrina, 2005.

BROSSEAU, Marc. Geography's literature. **Progress in Human Geography**. v. 18, n.º. 3, p.333-353, September, 1994.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da Literatura Alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LEYBOLD-JOHNSON, Isobel. “Sanatórios fecham suas portas” In: <www.swissinfo.ch/por/sanatórios-fecham-suas-portas/865866>. Acesso em 25 de Junho de 2016.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**. Florianópolis, v.15, n°.30, p. 7- 33, jul./dez, 2000.

MANN, Thomas. **A montanha mágica**. 5ª ed. Nova Fronteira, 1980.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**. Florianópolis, v.25, n°.49, p.7-26, jan./jun. 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. In: Flores na escrivantina. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

SASAKI, Karen. A contribuição da geografia humanística para a compreensão do conceito de identidade de lugar. **Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE**. Salvador, n°. 22, Ano XIII, p. 112-120, Dezembro, 2010.

Submetido à publicação em 15 de janeiro de 2018.

Aprovado em 10 de Abril de 2018.